

ISAAC AMORIMIA CRITICA



Os posseiros acusados do "massacre de Capacete": indiciados mas em liberdade

que passaram, estiveram munidos de filmadoras para gravar em fitas de videocassete todos os encontros e promessas. Eles estão determinados a não deixar que os culpados caiam no esquecimento. A Funai, aparentemente, tem-se esforçado para mostrar que está empenhada neste propósito. "Nós não queremos só prender os culpados. Queremos dar um exemplo para que todos saibam que quem fizer mal ao índio terá um grande castigo", anuncia Jucá. A Polícia Federal justifica o fato de não ter prendido ninguém até agora. "Nós não podemos pedir prisão preventiva sem provas concretas", desculpa-se Paulo Marra, assessor de imprensa do órgão. Ele assegura que logo após a conclusão do inquérito há

ÍNDIOS

À espera do castigo

A luta dos índios Tikuna para não deixar impunes os responsáveis pelas mortes de quinze indígenas na localidade de Capacete, na região de Tabatinga, no Amazonas, no último dia 28, promete ser mais dura que a própria tragédia. O Comando Militar da Amazônia mantém tropas na região há duas semanas; a Polícia Federal indiciou oito pessoas, entre elas o fazendeiro Oscar de Almeida Castelo Branco, e apreendeu 27 armas. E o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Romero Jucá Filho, solicitou ao ministério público que declarasse o crime como genocídio para que os culpados pegassem penas mais elevadas, de doze a trinta anos de detenção. Mas até agora ninguém foi preso.

Os Tikuna fizeram, de terça a quinta-feira da semana passada, uma peregrinação por vários gabinetes oficiais de Brasília, entre os quais os do deputado Ulysses Guimarães, presidente da Assembléia Constituinte, e do ministro da Justiça, Paulo Brossard, em busca de apoio para a punição dos culpados. "Venho trazer o lamento do meu povo, onde neste momento 45 meninos estão órfãos e cinco mulheres viúvas. Não há dinheiro que pague isso, porque sangue vale ouro", disse Pedro Mendes Gabriel,

líder dos Tikuna. Eles afirmaram que a matança só ocorreu porque havia posseiros em áreas já demarcadas para os Tikuna. "Há muito tempo que vínhamos alertando as autoridades que isso iria acontecer", lembrou Gabriel.

Com receios de que o estardalhaço das autoridades em relação ao caso não chegue a trazer nenhum resultado concreto - a prisão preventiva dos indiciados só deverá ocorrer no final do inquérito, que já entra na sua terceira semana -, os índios, por todos os gabinetes

possibilidade de mais pessoas serem indiciadas. O principal acusado de ter planejado e mandado matar os índios, Oscar Castelo Branco, será o último a prestar depoimento. Segundo o inquirido da Polícia Federal, no massacre de Capacete foram utilizadas espingardas - que estão sendo analisadas pela perícia -, pois nos corpos dos índios assassinados foram encontrados estilhaços de chumbo e não balas, como ocorreria se tivessem sido usados revólveres.

MORRER NA CADEIA - O cacique Raoni, que acompanhou os Tikuna nos encontros, no entanto, está cético quanto à punição dos culpados. "Não acredito que eles sejam presos", disse o cacique ao presidente da Funai. "Depois vou lhe mandar uma foto dos criminosos através das grades para você acreditar", respondeu Jucá. Raoni defendeu uma forte punição dos indiciados: "Eles têm de morrer na cadeia". Os índios também ouviram promessas do ministro do Interior, João Alves. "Vamos até as últimas consequências para que eles sejam punidos", disse o ministro. O índio Ailton Krenak, coordenador da União das Nações Indígenas (UNI), presente na maratona dos Tikuna, também estava desconfiado. "O governo tomou este caso do Amazonas como exemplo, para demonstrar que está fazendo alguma coisa", lamenta. "Mas um pouco mais ao norte, em Roraima, certamente já morreram mais de catorze índios Yanomami nas escondidas grotas onde os garimpeiros têm ido buscar ouro. Só que ninguém fica sabendo", revela Krenak. ▲



Tikuna ferido: marcas da chacina